

veis uma teoria de que os poemas eram eles próprios produtos de um período posterior, mas a maioria dos que estudaram o assunto hoje concordaria que, em essência, eles vêm mesmo da época a que têm sido tradicionalmente atribuídos.

Entre estudiosos e críticos de um período posterior, era comum referir-se a certos poemas, em meio ao volume dos que se brevieram, como exemplos supremos da poesia árabe antiga. Esses acabaram sendo chamados de *Mir'al-lagat*, ou "poemas suspensos", um nome de origem e sentido obscuro; os poetas que os escreveram — Laid, Zuhayr, Imru'l-Qays e meia dúzia de outros — eram tidos como os grandes mestres da arte. Era costume chamar a poesia dessa época de o *dizim* dos árabes, o registro do que eles tinham feito, ou a expressão de sua memória coletiva, mas também estava lá a forte marca da personalidade de cada poeta.

Críticos e estudiosos posteriores acostumaram-se a distinguir três elementos na *gasida*, mas isso significava formalizar uma prática solta e variada. O poema tendia a começar com a evocação de um lugar onde o poeta esteve um dia, que podia ser também a evocação de um amor perdido; o clima era não tanto erótico quanto uma comemoração da transitoriedade da vida humana:

As moradas estão desertas, os lugares onde paramos e acampamos, em Mina; Ghawl e Rijan acham-se ambos abandonados. Nas inundações de Rayyan, os leitos dos rios mostram-se nus e lisos, como a escrita preservada em pedra. O estérco enegrecido jaz imperturbado desde que partiram os que lá estiveram: longos anos se passaram sobre ele, anos de meses santos e comuns. Nascentes que as estrelas fizeram brotar os alimentaram, e foram nutridos pelas águas das tempestades: pesados aguaceiros e chuvas leves, as nuvens do enxada noite, as que cobrem o céu matinal, e as nuvens do entardecer cujas vozes se respondem umas às outras.<sup>2</sup>

Depois disso, pode vir uma jornada em lombo de camelo, em que o poeta fala do camelo, do campo e da caça aos animais, e, por

implicação, da recuperação de sua força e confiança quando testado contra as forças do destino. O poema pode culminar num louvor à tribo do poeta:

Construiu-se para nós uma casa de teto alto, e jovens e velhos igualmente tentam chegar à sua altura [...] São eles que lutam quando a tribo está em apuros, seus cavaleiros e árabes. São como a fonte para os que procuram sua ajuda, ou para as viúvas cujo ano de luto é longo. São uma tribo tal que a inveja não lhes pode fazer mal, e nenhum de seus membros é tão indigno que se passe para o inimigo.<sup>3</sup>

Por trás do louvor e da jactância, porém, às vezes se percebe outro tom, o dos limites da força humana diante da natureza toda-poderosa:

Estou cansado do fardo da vida; não te enganes, quem vive oitenta anos acaba cansado. Sei o que acontece hoje e o que aconteceu ontem, mas não posso dizer o que trará o amanhã. Vi os Fados partarem como um camelo no escuro; aqueles que eles tocam, matam, e os que erram, vivem até a velhice.<sup>4</sup>

#### MAOMÉ E O SURGIMENTO DO ISLÃ

No início do século VII, combinaram-se um mundo assentado que perdera alguma coisa de sua força e segurança, e outro mundo nas fronteiras, em mais estreito contato com os vizinhos setentrionais e abertos às suas culturas. O encontro decisivo entre eles ocorreu em meados daquele século. Criou-se uma nova ordem política, que incluiu toda a península Arábica, todas as terras sassânidas, e as províncias sírias e egípcias do Império Bizantino; apagaram-se velhas fronteiras e criaram-se novas. Nessa nova ordem, o grupo dominante foi formado não pelos povos dos impérios, mas pelos árabes da Arábia Ocidental, sobretudo de Meca.

Antes do fim do século VII, esse grupo governante árabe identificava sua nova ordem com uma revelação dada por Deus a Maomé, um cidadão de Meca, sob a forma de um livro santo, o Corão: uma revelação que completava aquelas que haviam sido anteriormente feitas a profetas ou mensageiros de Deus, e criava uma nova religião, o Islã, distinta do judaísmo e do cristianismo. Pode-se discutir, em termos eruditos, o modo como se desenvolveram tais crenças. As fontes árabes que narram a vida de Maomé e a formação de uma comunidade em torno dele são de época posterior; o primeiro biógrafo cuja obra nos alcançou só escreveu mais de um século após a morte de Maomé. Fontes escritas em outras línguas atestam plenamente a formação de um Império pelos árabes, mas o que dizem sobre a missão de Maomé difere do que diz a tradição muçulmana, e ainda precisam ser estudadas e discutidas. Por outro lado, parece haver poucas dúvidas quanto ao Corão ser, substancialmente, um documento da Arábia do século VII, embora possa ter levado algum tempo para adquirir sua forma literária definitiva. Além disso, parece haver elementos nas biografias e histórias tradicionais que provavelmente não foram inventados. Sem dúvida, esses textos refletem tentativas posteriores de enquadrar Maomé no modelo próximo-oriental de homem santo, e no modelo árabe de descendência nobre; também refletem as contravérsias doutrinárias da época e lugar em que foram compostos — o Iraque no século VIII. Apesar disso, contêm fatos sobre a vida de Maomé, sua família e amigos, que dificilmente poderiam ter sido inventados. Parece melhor, portanto, seguir a narrativa tradicional das origens do Islã, embora com cautela. Isso tem uma vantagem: como essa narrativa, e o texto do Corão, permaneceram vivos, sem mudanças substanciais, na mente e na imaginação dos crentes na religião do Islã, seguiu-la torna possível compreender a visão deles da história e do que deve ser a vida humana.

A parte mais obscura da vida de Maomé, na narrativa dos biógrafos, é a inicial. Dizem-nos que ele nasceu em Meca, uma aldeia da Arábia Ocidental, talvez no ano de 570, ou por volta disso. Sua família pertencia à tribo dos coraixitas, embora não

à parte mais poderosa. Os membros dessa tribo eram mercados que mantinham acordos com tribos pastoris em torno de Meca, e também relações com a Síria e o sudoeste da península. Diz-se ainda que tinham uma ligação com o santuário da aldeia, a Caba, onde se guardavam imagens de deuses locais. Maomé casou-se com Cadija, uma viúva comerciante, e cuidou do negócio dela. Várias histórias registradas pelos que mais tarde escreveram sua vida retratam um mundo à espera de um guia, e um homem em busca de uma vocação. Um homem que busca Deus expressa sua vontade de aprender: “Ó Deus, se eu soubesse como gostaríeis de ser adorador, assim vos adoraria, mas não sei”. Rabinos judeus, monges cristãos e adivinhos árabes prevêem o advento de um profeta: um monge, encontrado por Maomé numa viagem de negócios ao sul da Síria, “olhou as costas dele e viu o selo do profetismo entre os ombros”. Os objetos naturais saudavam-no: “Nem uma pedra ou árvore por que ele passava deixava de dizer: ‘A paz esteja convosco, ó após-tolo de Deus!’”<sup>5</sup>

Ele tornou-se um errante solitário entre os rochedos, e então um dia, talvez quando tinha cerca de quarenta anos, aconteceu-lhe algo: um contato com o sobrenatural, conhecido das gerações posteriores como a Noite do Poder ou do Destino. Numa versão, um anjo, visto em forma de um homem no horizonte, convocou-o a tornar-se mensageiro de Deus; em outra, ele ouviu a voz do anjo convidando-o a recitar. Ele perguntou: “Que devo recitar?”. E a voz respondeu:

*Recita: em nome de vosso Senhor que criou,  
criou o homem de um coágulo de sangue.*

*Recita: e vosso Senhor é o mais generoso,  
que ensinou junto ao aprisco,*

*ensinou ao homem o que ele não sabia.*

*Não, de fato: certamente o homem faz-se insolente,  
pois se julga auto-suficiente.*

*Certamente em vosso Senhor está a volta.<sup>6</sup>*





Ele morreu nesse ano. Deixou mais de um legado. Primeiro, o de sua personalidade, como fora vista pelos olhos dos companheiros próximos. O testemunho deles, passado basicamente por transmissão oral, só adquiriu sua forma definitiva muito depois, e então certamente já inflado por acréscimos, mas parece plausível a sugestão de que, desde o início, os que conheceram e seguiram Maomé tentaram modelar seu comportamento pelo dele. Com o tempo, evoluiu um tipo de personalidade humana que bem pode, em certa medida, ser um reflexo da dele. Espelhado nos olhos de seus seguidores, aparece como um homem em busca da verdade na juventude, depois embrutecido pelo senso de poder que se abate sobre ele, ávido por comunicar o que lhe foi revelado, conquistando confiança em sua missão e senso de autoridade quando os seguidores se reúnem à sua volta, um árbitro preocupado em fazer a paz e conciliar disputas à luz de princípios de justiça tidos como de origem divina, um habilidoso manipulador de forças políticas, um homem que não dá as costas aos modos habituais de ação humana, mas tenta confiá-los dentro de limites que julga terem sido ordenados pela Vontade de Deus.

Se uma imagem de Maomé foi elaborada e transmitida aos poucos, de uma geração para outra, o mesmo se deu com a comunidade por ele fundada. Segundo o retrato de épocas posteriores, era uma comunidade que reverenciava o Profeta e cultuava sua memória, tentando seguir os seus passos e empenhar-se no caminho do Islã para o serviço de Deus. Manteve-se unida graças aos rituais básicos de devoção, todos de aspecto comunal: os muçulmanos iam em peregrinação ao mesmo tempo, jejuavam por todo um mesmo mês e reuniam-se na prece regular, atividade de que os distinguia mais nitidamente do resto do mundo.

Acima de tudo, há o legado do Corão, um livro que descreve em linguagem de grande força e beleza a incursão de um Deus transcendente, origem de todo poder e bondade, no mundo humano por Ele criado; a revelação de Sua Vontade através de uma linhagem de profetas enviados para advertir os homens e trazê-los de volta a seus verdadeiros eus como criaturas agra-

decidas e obedientes; o julgamento de Deus no fim dos tempos, e as recompensas e os castigos que a isso se seguiriam.

Os muçulmanos ortodoxos sempre acreditaram que o Corão é a Palavra de Deus, revelada em língua árabe por um anjo a Maomé, em várias épocas e nas formas adequadas às necessidades da comunidade. Poucos não-muçulmanos aceitariam positivamente essa crença. No máximo, alguns deles achariam insólito que, num certo sentido, Maomé recebeu inspiração de fora do mundo humano, mas afirmariam que ela passou pela mediação de sua personalidade e de suas palavras. Não há meio puramente racional de resolver essa diferença de crença, mas os que estão divididos por ela talvez concordem com certas questões que se poderia legitimamente suscitar sobre o Corão.

Primeiro vem a questão de quando e como ele tomou sua forma definitiva. Maomé comunicou as revelações a seus seguidores em várias épocas, e eles as registraram por escrito ou as guardaram na memória. A maioria dos estudiosos concordaria que o processo pelo qual se coligiram diferentes versões e se estabeleceram um texto e uma forma geralmente aceitos só se concluiu após a morte de Maomé. Segundo a versão tradicional, isso aconteceu na época de seu terceiro sucessor como chefe da comunidade, 'Uthman (644-56), mas datas posteriores foram sugeridas, e algumas seitas muçulmanas acusaram outras de inserirem no texto material que não havia sido transmitido pelo Profeta.

Uma questão mais importante é a da originalidade do Corão. Os estudiosos tentaram situá-lo no contexto de idéias correntes em seu tempo e lugar. Sem dúvida há ecos nele dos ensinamentos de religiões anteriores: idéias judaicas nas doutrinas; alguns reflexos de religiosidade monástica cristã oriental nas metáforas sobre os terrores do julgamento e nas descrições de Céu e Inferno (mas poucas referências à doutrina ou liturgia cristãs); histórias bíblicas em formas diferentes das do Velho e do Novo Testamento; um eco da idéia maniqueísta da sucessão de revelações feitas a diferentes povos. Há também vestígios de uma tradição indígena: as idéias morais em certos aspectos con-

tinuam as predominantes na Arábia, embora em outros rompan com elas; nas primeiras revelações, o tom é de um adivinho árabes, tartamudando seu senso de encontro com o sobrenatural.

Tais vestígios do passado não têm por que causar ansiedade ao muçulmano, que pode encará-los como sinais de que Maomé foi o último de uma linhagem de profetas que ensinaram, todos, a mesma verdade; para ser eficaz, a revelação final poderia usar palavras e imagens já conhecidas e entendidas, e se as idéias ou histórias assumiram uma forma diferente no Corão, isso talvez fosse porque seguidores de profetas anteriores haviam distorcido a mensagem recebida destes. Alguns estudiosos não muçulmanos, além disso, chegaram a uma conclusão diferente: que o Corão contém pouco mais que empréstimos do que Maomé já dispunha naquela época e lugar. Dizem isso, porém, revela uma incompreensão do que é ser original: seja o que for que se tenha tomado da cultura religiosa, o material foi de tal modo rearranjado e transmutado que, para os que aceitaram a mensagem, o mundo conhecido foi refeito.

## 2. A FORMAÇÃO DE UM IMPÉRIO

### A SUCESSÃO DE MAOMÉ

#### A CONQUISTA DE UM IMPÉRIO

Quando Maomé morreu, houve um momento de confusão entre seus seguidores. Um dos líderes, Abu Bakr, proclamou à comunidade: “Ó homens, se adorais a Maomé, Maomé está morto; se adorais a Deus, Deus está vivo”. Abaixo de Deus, ainda havia um papel a ser preenchido: o de árbitro das disputas e responsável pelas decisões na comunidade. Havia três grupos principais entre os seguidores de Maomé: os primeiros companheiros que haviam feito a hégira com ele, um grupo interligado por endogamia; os homens importantes de Medina, que tinham feito a aliança com ele lá; e os membros das principais famílias de Meca, basicamente de conversão recente. Num reunião de íntimos colaboradores e líderes, escolheu-se um do primeiro grupo como o sucessor do Profeta (*khalifa*, de onde a palavra “califa”): Abu Bakr, um seguidor de primeira hora, cuja filha ‘Aisha era esposa de Maomé.

O califa não era um profeta. Líder da comunidade, mas em nenhum sentido um mensageiro de Deus, não podia pretender ser porta-voz de revelações continuadas; mas ainda permanecia uma aura de santidade e escolha divina em torno da pessoa e do cargo dos primeiros califas, que afirmavam ter algum tipo de autoridade religiosa. Abu Bakr e seus sucessores logo se viram convocados a exercer liderança numa escala mais ampla que a do Profeta. Havia um universalismo implícito na doutrina e nos atos de Maomé: ele reivindicava autoridade universal, o *haram* que estabelecera não tinha limites naturais; em seus últimos anos, enviaram-se expedições militares contra as terras da fron-